

SÃO LUIZ

FEV/MAR ~ 11

TEATRO EXPERIMENTAL DO PORTO
TEATRO DE MARIONETAS DO PORTO

ASSÉDIO
TEATRO BRUTO

ENSEMBLE
CÍRCOLANDO
VISÕES ÚTEIS
AS BOAS RAPARIGAS...

TEATRO DO BOLHÃO

TEATRO DE FERRO

TEATRO MEIA VOLTA E DEPOIS A ESQUERDA QUANDO EU DISSER

TEATRO DO FRIO

PALMILHA DENTADA

ERVA DANINHA

RADAR 360°

TENDA DE SAÍAS

PELE

PROGRAMA EM WWW.TEATROSAOLUIZ.PT

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA M/12 (CALVO QUANTO ASSIMILAR A ESPECIFICAMENTE)



CICLO DE TEATRO DO PORTO? DE ANTONIO PEDRO A FÁBRICA DA RUA DA ALEGRIA

Dez anos depois da *Capital Europeia da Cultura*, a multifacetada realidade das companhias e projectos teatrais portuenses é actualizada num inédito e subjectivo ciclo. Dezoito grupos, várias tendências e linguagens, um especulativo arco histórico, algumas polémicas ausências, a crise? Seis fins-de-semana de espectáculos e debates em vários espaços. E alguns momentos de luto para evocar a memória de figuras referenciais: Isabel Alves Costa, Paulo Eduardo Carvalho e João Paulo Seara Cardoso.

Comissário João Pedro Vaz

programação sujeita a alterações

18 FEV
ERA PRECISO FAZER AS COISAS DE MARGARIDA CARDOSO
SEXTA ÀS 18H30
JARDIM DE INVERNO
ENTRADA LIVRE
CLASSIFICAÇÃO A DEFINIR
DURAÇÃO 55 MIN

Evocação de Isabel Alves Costa.

Em 2005 Nuno Carinhos encenou *Tio Vânia* de Tchekov com as companhias portuenses ASSÉDIO e Ensemble, e convidou Isabel Alves Costa para integrar o elenco num inesperado regresso aos palcos. Margarida Cardoso acompanhou os ensaios e filmou um belíssimo tratado sobre os medos e as fragilidades dos actores. Ver ou rever este filme (premiado no DOC Lisboa 2007) é uma forma de evocar também a extraordinária força de Isabel. E a sua voz inconfundível.

Imagem, Som, Fotografia Margarida Cardoso
Montagem Pedro Marques Genérico e Correção de cor Graça Castanheira
Misturas Tiago Matos Sobre uma encenação de Nuno Carinhos Produção Filmes do Tejo II
Interpretação Alexandra Gabriel, Emília Silvestre, Isabel Alves Costa, João Cardoso, João Pedro Vaz, Jorge Mota, Jorge Pinto, Paulo Freixinho, Rosa Quiroga

19 E 20 FEV
A MORTE DE UM CAIXEIRO VIAJANTE DE ARTHUR MILLER
TEP – TEATRO EXPERIMENTAL DO PORTO
SÁBADO ÀS 21H00; DOMINGO ÀS 17H30
SALA PRINCIPAL M/12
DURAÇÃO 2H40, COM INTERVALO

António Pedro havia levado à cena esta peça em 1954 e 1958, num espectáculo que marcaria uma revolução estética operada com o TEP. Esta nova encenação de Gonçalo Amorim dialoga com essa herança, num espectáculo que se insere na homenagem do TEP ao seu primeiro director artístico.

Willy Loman é um homem comum. Jovem, Willy entusiasmou-se com o exemplo de um caixeiro-viajante que com 84 anos conseguia vender do seu próprio quarto e que levou ao seu funeral centenas de outros vendedores e clientes. Willy viu nessa morte o corolário do sonho americano e preferiu-a a uma vida de aventuras ao lado do seu irmão Ben. Agora, velho, cansado, com dívidas e confuso, recusa-se a arrear caminho e a duvidar da validade do seu ideal, arrastando o seu sonho perante o olhar cúmplice e preocupado de Linda, sua mulher, enquanto Biff e Happy, os seus filhos, tentam, a custo, perceber qual o seu lugar num mundo em que só os 'números' vingam.

Encenação Gonçalo Amorim Tradução Ana Raquel Fernandes, Rui Pina Coelho
Cenografia Rita Abreu Figurinos Susana Sá Apoio dramaturgic Rui Pina Coelho
Desenho de Luz e Sonoplastia Eduardo Brandão Assistente de encenação Inês Pereira
Interpretes Aquiles Dias, Cláudio da Silva, Eduardo Breda, Inês Pereira, João M. Mota, José Brás, José Cruz, Maria João Pinho, Nuno Martins, Pedro Gil, Susana Sá

O CCT/TEP tem como principal patrocinador o Município de Vila Nova de Gaia, através da Câmara Municipal e da empresa municipal Gaianima, sendo também apoiado pelo Ministério da Cultura/DgArtes.

24 A 27 FEV
TEATRO DE MARIONETAS DO PORTO

Uma mini-retrospectiva muito clarificante do trabalho da companhia. Três espectáculos criados por João Paulo Seara Cardoso entre os anos 1997 e 2006 intemporais na sua consistência, na sua forma, no seu contexto subliminar.

24 E 25 FEV
NADA OU O SILÊNCIO DE BECKETT
QUINTA E SEXTA ÀS 21H00
SALA PRINCIPAL M/12
DURAÇÃO 1H00

Nada ou o Silêncio de Beckett é um espectáculo construído a partir de impressões de Samuel Beckett. *Nada ou o Silêncio de Beckett* nasce de uma forte contaminação dos criadores e actores pelas paisagens e personagens do mundo beckettiano. *Nada ou o Silêncio de Beckett* é como um sonho difuso e amarelado no qual vagueamos com os Winnies, Didis, Gogos e toda essa galeria de homens e mulheres impregnados de um estranho silêncio vazio, sempre tocando ao de leve na obscuridade para nos fazer sentir, afinal, poeticamente a possibilidade de um mundo mais luminoso.

Encenação e Cenografia João Paulo Seara Cardoso
Marionetas e Figurinos Júlio Vanzeler
Música Roberto Neulcheid
Desenho de luz António Real
Operação de som e luz Rui Pedro Rodrigues
Produção Mário Moutinho
Interpretação Edgard Fernandes, Sara Henriques, Sérgio Rolo

25 E 26 FEV
OS 3 PORQUINHOS
SEXTA E SÁBADO ÀS 23H30
JARDIM DE INVERNO M/16
DURAÇÃO 45 MIN

Os três porquinhos e o malvado lobo embalaram na vertigem do tempo e chegaram até nós, habitantes da aldeia global. Onde estão, como sobrevivem, como se adaptaram os nossos porcos metafóricos aos tempos pós-modernistas? Nesta história interminável de grandes e pequenos, de fortes e fracos, de predadores e vítimas, ficam sempre sem resposta as questões fundamentais: quem come quem, quem é comido? Qual é a moral da história? A moral da história não é o mais importante. O importante não é quem come quem, o importante mesmo é não nos deixarmos ser comidos. Porque a vida é bela e o céu é azul.

Encenação e Cenografia João Paulo Seara Cardoso
Texto Stefan Harrel, Lydia Lunch, Jello Biafra, J. O. Halliwell
Marionetas Jorge Ramalho
Pintura marionetas Emília Sousa
Figurinos Manuela Pedro
Sonoplastia Miguel Reis, Luís Aly
Vídeo Yves Godrèche
Desenho de Luz António Real
Operação de luz e som Rui Pedro Rodrigues
Operação de vídeo e legendas Shirley Resende
Produção Mário Moutinho
Interpretação Edgard Fernandes, Sara Henriques, Sérgio Rolo
Participação especial John Rambo

26 E 27 FEV
CABARET MOLOTOV
SÁBADO ÀS 21H00; DOMINGO ÀS 17H30
SALA PRINCIPAL M/12
DURAÇÃO 1H15

Cabaret Molotov é um cabaret melancólico que se inspira nas nossas memórias, mas iluminado pela nossa visão contemporânea do teatro e do mundo. Em *Cabaret Molotov* deambulam coristas apaixonadas, trapezistas, domas absurdos, músicos de sete instrumentos, homens-coelho, homens-bala, ursos ciclistas, caniches cantores, dançarinos e bailarinas que dançam ao som de valsas, tangos, polkas, tarantelas e velhas canções de Kurt Weil. Terá o *Cabaret Molotov* existido ou tudo não passará de um lugar inventado por Vladimir, o Russo, para cenário do seu amor à trapezista Matrioska?

Encenação e Cenografia João Paulo Seara Cardoso
Marionetas Erika Takeda
Figurinos Pedro Ribeiro
Coordenação coreográfica Isabel Barros
Música Gotan Project, Eric Satie, Kurt Weil, Robert Miny, Yann Tiersen
Texto da corista Pablo Neruda
Desenho de luz António Real, Rui Pedro Rodrigues
Operação de luz e som Rui Pedro Rodrigues
Produção Sofia Carvalho
Interpretação Edgard Fernandes, Sara Henriques, Sérgio Rolo, Shirley Resende (instrumentista)

OTMP é uma estrutura apoiada pelo Ministério da Cultura / DgArtes

4 E 5 MAR
OSSÁRIO DE MARK O'ROWE
ASSÉDIO

SEXTA ÀS 22H00; SÁBADO ÀS 23H15
TEATRO-ESTÚDIO MÁRIO VIEGAS M/16
DURAÇÃO 1H30

Ossário é "sobre um lugar ficcional na Irlanda, uma pequena cidade abandonada por qualquer espécie de bondade, na qual todo o tipo de transacções, sejam elas físicas, comerciais ou emocionais, têm lugar a um nível violento e desumano. É como uma espécie de cidade de fronteira, sem leis, é a história de três mulheres diferentes que decorre durante um período de seis horas, e é basicamente sobre esse pequeno vislumbre de bondade, essa tentativa de sobreviver num lugar tão completamente perdido e desumano" (Mark O'Rowe). Três personagens, três mulheres, três monólogos, três narrativas que se cruzam para nos contar uma história passada algures num território entre o pesadelo e a realidade. Através da alternância de intervenções monologadas, multiplicam-se as visões sobre um mesmo conjunto de acontecimentos violentos, servidas por uma linguagem ágil, inventiva e veloz, erguida da sarjeta às alturas da mais surpreendente poesia.

Tradução Francisco Luís Parreira
Encenação João Cardoso
Cenografia Sissa Afonso
Figurinos Bernardo Monteiro
Desenho de luz Nuno Meira
Sonoplastia Francisco Leal
Interpretação Alexandra Gabriel, Isabel Queiroz, Rosa Quiroga

ASSÉDIO é uma estrutura apoiada pelo Ministério da Cultura / DgArtes.

5 E 6 MAR
STILL FRANK
CONCERTO ENCENADO
TEATRO BRUTO
SEXTA E SÁBADO ÀS 00H30
JARDIM INVERNO M/16
DURAÇÃO 1H00

O dispositivo cénico é uma máquina viva, produtora de experiências sonoras e cénicas, que entremeia momentos de tensão e horror com momentos de canção melódica. A máquina-monstro, provocadora e virtuosa. Uma reflexão negra sobre a criação e a relação entre o criador e a criatura.

Encenação, Cenografia e Figurinos Ana Luena
Música original e Direcção musical Rui Lima, Sérgio Martins, Peixe
Textos Daniel Jonas
Desenho de luz José Nuno Lima
Vídeo Pedro Azevedo
Desenho de som Pedro Lima
Produção Teatro Bruto
Produção executiva Ana Fernandes
Interpretação Pedro Mendonça (actor), Rui Lima, Sérgio Martins, Peixe, Samuel Coelho (músicos)

Teatro Bruto é uma estrutura apoiada pelo Ministério da Cultura / DgArtes. Tem ainda o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian.

5 E 6 MAR
DUETO PARA UM DE TOM KEMPINSKY
ENSEMBLE
SÁBADO ÀS 21H00; DOMINGO ÀS 17H30
SALA PRINCIPAL M/12
DURAÇÃO 2H10

Uma história simples e trágica. Inspirada na vida da famosa violoncelista inglesa Jacqueline du Pré, é a história de uma mulher, Stephanie Abrahams, conceituada violinista que contrai esclerose múltipla no auge da sua carreira. O seu marido, um compositor, convence-a a visitar o psiquiatra Dr. Alfred Feldman ao perceber o efeito corrosivo que uma tão grande perda está a provocar na mulher. A peça gira à volta das sessões de Stephanie com o médico alemão e das difíceis questões que este lhe coloca e que a forçam a revelar os seus sentimentos e ansiedades mais íntimos perante ela própria, o médico e, claro, o público. A primeira de um conjunto de peças sobre artistas e sobre o papel da arte na vida das pessoas que o Ensemble pretende dar a conhecer ao público. O teatro a conjurar para o palco os músicos, os pintores, os poetas.

Encenação Carlos Pimenta
Tradução Constança Carvalho
Homem Cenografia João Mendes
Ribeiro
Figurinos Bernardo Monteiro
Desenho de luz José Álvaro Correia
Música Ricardo Pinto, Mário Siegle
Vídeo Alexandre Azeiteiro
Assistência de encenação e Produção Vânia Mendes
Interpretação Emília Silvestre, Jorge Pinto

Ensemble é uma estrutura apoiada pelo Ministério da Cultura / DgArtes.

9 A 13 MAR
CÍRCOLANDO

Dois projectos profundamente diferentes. Um luminoso e festivo, que encerra e celebra um ciclo, e outro mais intimista e sombrio, que indaga por novos caminhos. Um já rodado, questionado e retrabalhado, o outro, em plena fase de criação. **Mansarda e Areia, as nossas mais recentes criações.**

9 E 10 MAR
AREIA (EXCERTOS)
QUARTA E QUINTA ÀS 21H00
JARDIM INVERNO M/6
DURAÇÃO 40 MIN

Resultado de um primeiro ciclo de criação, *Areia: excertos* traz-nos um trabalho em curso. O tempo, o envelhecimento, a morte, a desertificação, a seca são alguns dos pontos de partida. No palco, um diálogo íntimo com uma matéria e um violoncelo. Mar de areia. Mar de tempo. Silêncio. Suspensão. Vácuo. A paisagem mais antiga do mundo. Origem. Fim. Mistério. Criação. O silêncio é extremo. 'Estarei morto?'

Criação Colectiva
Direção artística André Braga, Cláudia Figueiredo
Direção e Concepção plástica André Braga
Dramaturgia Cláudia Figueiredo
Composição musical Ulrich Mitzlaff
Realização plástica e Construção Nuno Guedes e Sandra Neves
com o apoio de Nuno Brandão
Vídeo João Vladimiro
Desenho de luz Cristóvão Cunha
com o apoio de Francisco Tavares Teles
Coordenação técnica e Operação de luz Francisco Tavares Teles
Desenho e Operação de som Harald Kuhlmann
Produção Ana Carvalhosa (direção), Cláudia Santos
Interpretação André Braga, Ulrich Mitzlaff (violoncelo)

12 E 13 MAR
MANSARDA
SÁBADO ÀS 21H00; DOMINGO ÀS 17H30
SALA PRINCIPAL M/6
DURAÇÃO 1H20

Espectáculo final do ciclo Poética da Casa, *Mansarda* instala-nos nesse lugar entre céu e terra – o sótão, as águas-furtadas –, propondo-nos uma súpula de várias ideias de casa. Uma súpula de memórias vivas, feitas de terra, ar e água, com a forma redonda do tempo solar: dia, noite, Inverno, Verão. Na base das nossas pesquisas, as casas onde guardamos o coração. As casas com raízes e sabor a terra, com a lembrança dos campos e dos animais, com o frio, a neve e os serões em comunidade. As casas com vento, barcos-baloios, amores e desamores. As casas da terra sedenta, as casas com sonhos de mar. Sucessão de quadros que podem ter diversas leituras, a obra abre-se às histórias singulares de cada espectador.

Criação colectiva
Direção artística André Braga, Cláudia Figueiredo
Direção e Concepção plástica André Braga
Dramaturgia Cláudia Figueiredo
Composição musical Alfredo Teixeira
Realização plástica Nuno Guedes, Carlos Pinheiro, Sandra Neves, Américo Castanheira, Inês Mariana Moitas
Desenho de luz Cristóvão Cunha
Coordenação técnica e Operação de luz Francisco Tavares Teles
Desenho e Operação de som Harald Kuhlmann
Direção de cena Ana Carvalhosa
Palco e montagem Nuno Guedes, Carlos Pinheiro, Nuno Brandão
Produção Ana Carvalhosa (direção), Cláudia Santos
Interpretação Ana Madureira, André Braga, Graça Ochoa, Inês Oliveira, João Vladimiro, Mafalda Salóio, Patrick Murys
Co-produção Círcolando, Próspero – Projecto Plurianual de Cooperação Cultural, Centro Cultural de Belém, Teatro Nacional São João
Residência de criação Teatro Virgínia

Círcolando é uma estrutura apoiada pelo Ministério da Cultura / DgArtes. Outros apoios IEEFP / Cac Cultural do Porto

18 E 19 MAR
A COMISSÃO DE ANA VITORINO E CARLOS COSTA
VISÕES ÚTEIS
SEXTA E SÁBADO ÀS 22H00
FOYER JARDIM INVERNO M/12
DURAÇÃO 1H20

Numa sala de reuniões uma Comissão reúne para aprovar o Plano de Acção elaborado pelo Comité Executivo a partir do Programa Estratégico previamente definido e aprovado. Os membros do Comité Executivo (o elenco) recebem os restantes membros da Comissão (os espectadores) e têm a delicada missão de apresentar de modo convincente o Plano de Acção que prepararam de modo a obter uma maioria de votos positivos. Ao longo da reunião exibem-se gráficos, emiúçam-se

burocracias e esgrimem-se terminologias. E aos poucos vai-se instalando a dúvida quanto à competência e à isenção dos principais responsáveis. Conseguirá esta Comissão reunir o consenso? Uma bem-humorada reflexão acerca dos actuais mecanismos de decisão política e económica, questionando a linguagem enquanto mecanismo de exercício de poder e domínio.

Texto e Direcção Ana Vitorino, Carlos Costa Colaboração na Dramaturgia Nuno Casimiro Figurinos e Adereços Inês de Carvalho Banda Sonora original e Sonoplastia João Martins Desenho de luz José Carlos Gomes Infografismo e Audiovisuais João Martins / entropiadesign Projecto fotográfico Paulo Pimenta Coordenação técnica Luis Ribeiro Produção executiva e Direcção de cena Joana Neto Assistência de produção Helena Madeira Produção Visões Úteis Interpretação Ana Vitorino, Carlos Costa, Pedro Carreira e ainda Joana Neto e Luis Ribeiro com a participação especial (em vídeo) de Nuno Casimiro, João Teixeira Lopes, José Pinto da Costa, Miguel Guedes, Alice Costa, Carolina Gomes, Raquel Carreira, Ana Azevedo, João Martins, José Carlos Gomes

Visões Úteis é uma estrutura apoiada pelo Ministério da Culturna / DgArtes.

A obra é uma estrutura apoiada pelo Ministério da Cultura / DgArtes.

18 E 19 MAR, LIBRAÇÃO DE LUÍSA CUNILLÉ AS BOAS RAPARIGAS VÃO PARA O CÉU, AS MÁS VÃO PARA TODO O LADO SEXTA E SÁBADO ÀS 23H30 TEATRO-ESTÚDIO MÁRIO VIEGAS M/16 DURAÇÃO 1H00

Libração significa “movimento como que de oscilação que um corpo, ligeiramente perturbado no seu equilíbrio, efectua até recuperar pouco a pouco.” Libração é o “encontro entre duas mulheres num parque de uma cidade durante três noites de lua cheia. Faz frio, talvez seja Inverno ou finais de Outono.” **Ltuisa Cunillé**

O tempo: meia-noite em ponto. O espaço: um parque onde tudo é de ferro. No parque, mobiliário urbano onde se encontram imagens de infância: cavalos que cham, placas que proíbem deixar os cães à solta, a ronda da polícia vigiando todas as presenças reais... As palavras, as estratégias, os reconhecimentos, as memórias, as necessidades, o filho de uma e os cães da outra...

Tradução Carla Miranda, Cristina Carvalho Dramaturgia As Boas Raparigas, Cristina Carvalho Encenação Cristina Carvalho Cenografia e Adereços Cláudia Armanda Figurinos Catarina Barros Desenho de luz Jorge Ribeiro Sonoplastia Luis Aly Voz off Fernanda Barros Interpretação Carla Miranda, Maria do Céu Ribeiro

As Boas Raparigas é uma estrutura apoiada pelo Ministério da Cultura / DgArtes.

19 E 20 MAR MÃO NA BOCA DE JOANA PROVIDÊNCIA TEATRO DO BOLHÃO SÁBADO ÀS 21H00; DOMINGO ÀS 17H30 SALA PRINCIPAL M/12 DURAÇÃO 50 MIN

Mão na Boca nasce do desafio lançado pelo Museu de Serralves à coreógrafa e membro da direcção artística da companhia, Joana Providência, no âmbito da Retrospectiva de Paula Rego, em 2004. Para Joana Providência a criação de *Mão na Boca* “desenvolveu-se num duplo sentido: por um lado, constituíram-se como impulsos geradores do processo as gravuras, os desenhos e as pinturas de Paula Rego e os universos de conto/fábula/romance que são a sua moldura, por outro lado, configuraram-se como *motes* do trabalho as marcas escondidas, ou menos legíveis, de uma memória: os seus medos, os seus sons, o seu imaginário”.

Espectáculo dedicado a Paula Castro (1969 – 2007).

Direcção Joana Providência Assistência de direcção Paula Castro Figurinos Rute Moreda, Lola Sousa Desenho de luz José Carlos Gomes Sonoplastia Luis Aly Produção Pedro Aparício, Glória Cheio Co-produção Fundação de Serralves Interpretação Anabela Sousa, António Júlio, Vera Santos

Teatro do Bolhão é uma estrutura apoiada pelo Ministério da Cultura / DgArtes.

27 MAR Tarde Mundial do Teatro A Fábrica da Rua da Alegria – os Emergentes do Porto?

PARTICIPAÇÃO ESPECIAL TEATRO DE FERRO DOMINGO DAS 16H00 ÀS 20H00

Uma antiga fábrica (sita na Rua da Alegria logo abaixo da Escola Superior de Musica e Artes do Espectáculo) tornou-se uma incubadora não oficial de novos projectos teatrais que agora vêm ocupar o Teatro São Luiz numa festa performativa cheia de surpresas – serão estes os emergentes do Porto?

O PÚBLICO VAI AO TEATRO TEATRO MEIA VOLT A E DEPOIS À ESQUERDA QUANDO EU DISSER LARGO E FOYER DE ENTRADA M/3 15H30

Um ciclo dedicado à produção teatral do Porto em jeito de retrato de família no teatro da capital. Incontornável na definição dos limites da criação e na contextualização dos movimentos artísticos, o público merece a nossa atenção. E se os artistas do Porto vão à capital, porque não ir também o seu primeiro público – contrerrâneo e contextual –, se é de traçar um perfil da criação teatral destas Terras de Aquém–Douro que estamos a falar? Dia 27 de Março de 2011, chega às portas do Teatro São Luiz um autocarro cheio de público do Porto para ver o que pelo Porto se faz e para que o público de Lisboa veja quem pelo Porto vê. Mas será que vê? Se não viu, vai ver. E quem quiser, pode levar farnel.

Concepção e Direcção Alfredo Martins, Sílvia Silva Vídeo a designar Sociólogo/Mediador a designar Produção Executiva Meninos Exemplares Performers 50 habitantes do Porto

TEATRO DO FRIO Chegámos a convite e assentámos estendais, do Chiado ao São Luiz. Redimensionámos criações próprias às características dos espaços e de um ciclo. Sejam bem-vindos à nossa kitchnet.

DEAMBULAÇÃO (DE UTOPOLIS) CHIADO M/6 15H30 DURAÇÃO 20 MIN

Eles chegam vindos de outras rotinas em busca de novas perspectivas para os enquadramentos de sempre.

Direcção artística Rosário Costa Assistência Catarina Lacerda Objectos cénicos Ana Gormicho, Daniel Teixeira Figurinos Inês Mariana Moitas Produção executiva Sílvia Carvalho Produção Teatro do Frio Interpretação António Júlio, Bárbara Andrez (em substituição de Susana Madeira), Filipe Caco, Freddy Trinidad, Rodrigo Malvar, Sara Pereira

SÁBADOS ÀS 17H00 As Sessões da Associação Portuguesa de Críticos de Teatro JARDIM DE INVERNO ENTRADA LIVRE

Um conjunto de conversas que convida a um olhar atento sobre o teatro que se faz no norte do país.

SILÊNCIO (DE DIZ QUE DIZ) SALA PRINCIPAL M/6 16H30 / 17H00 / 17H30 DURAÇÃO 10 MIN

Em *Diz que Diz* tomámos um poema e cantámos uma cena. Agora transbordamos essa cena numa atmosfera polifónica a algumas vozes e muitos lençóis.

Texto Adaptação dramática do poema Silêncio de António Torrado Adaptação dramática e Criação Catarina Lacerda, Rodrigo Malvar, Rosário Costa Criação e Execução plástica Teatro do Frio, Sofia Pereira Desenho de luz José Nuno Lima Produção executiva Sílvia Carvalho Produção Teatro do Frio Interpretação António Júlio, Bárbara Andrez, Filipe Caco, Freddy Trinidad, Rodrigo Malvar, Rosário Costa, Sara Pereira

CENA 10 (DE S.Ó.S.) SALA PRINCIPAL M/12 18H30 DURAÇÃO 10 MIN

Da fragmentação de S. Ó. S. tomámos três cenas em linha de montagem. Ascensão e queda. Abel e Caim. Raquel e Rodolfo. À velocidade da luz.

Direcção artística Rosário Costa Texto original Catarina Lacerda, Rodrigo Malvar, Rosário Costa Desenho de luz José Nuno Lima Música original Sousa Sound Sistema Elementos cenográficos, Adereços e Figurinos Teatro do frio Produção executiva Sílvia Carvalho Produção Teatro do Frio Interpretação Catarina Lacerda, Rodrigo Malvar

DIMAS E GESTAS UM ESPECTÁCULO DE CAFÉ-TEATRO PARA CRUCIFICADOS PALMILHA DENTADA JARDIM DE INVERNO M/16 DAS 16H00 ÀS 20H00

Dimas, o bom, e Gestas, o mau ladrão, aguardam a chegada de um terceiro elemento que se adivinha que virá, pois há uma cruz livre entre as cruzes onde os dois estão crucificados. Enquanto aguardam, as personagens vagueiam pelas memórias da sua vida, pelas opções que tomaram e pelas oportunidades que perderam. Quando as personagens se cansam desaparecem, até porque é quase imoral pedir a actores que aguentem 4 horas crucificados. Nesses momentos os dois actores descansam, aproveitando para vaguear pelas memórias da sua vida, pelas opções que tomaram e pelas oportunidades que perderam.

Texto e Encenação Ricardo Alves Direcção plástica Sandra Neves Direcção musical Rodrigo Santos Produção executiva Adelaide Barreiros Interpretação Ivo Bastos, Rodrigo Santos

NÃO HÁ VÍTIMAS MORTAIS ERVA DANINHA CORREDOR DO BENGALIEIRO E CAMAROTES REAIS M/12 16H30 / 17H30 / 18H30 DURAÇÃO 20 MIN

Uma peça inspirada na dormência emocional face às constantes imagens cruéis que nos são apresentadas pela comunicação social. Jantamos enquanto assistimos a catástrofes. Com o prato principal uma guerra civil, a sobremesa é servida com 100 mil corpos soterrados do outro lado do mundo, o café surge na iminência de um ataque terrorista no país ao lado. Esta rotina conduz-nos a um estado de latência mórbida e ausência de comoção. Embora a vida deixe de pulsar na realidade nem todas as vítimas são mortais.

Criação Ana Vargas, Gilberto Oliveira, Vasco Gomes Direcção artística Gilberto Oliveira Assistência de direcção Vasco Gomes Luz Romeu Guimarães Música Pedro Chamorra Adereços e Figurinos Erva Daninha Produção Julieta Guimarães Interpretação Ana Vargas, Gilberto Oliveira

ARRUMADORES DE PESSOAS RADAR 360º LARGO E FOYER DE ENTRADA / CIRCULAÇÃO PELO TEATRO M/3 A PARTIR DAS 16H00

Existem os arrumadores de roupa, os de discos, os de livros, os de lixo... Mas nós, somos os arrumadores de pessoas!

Esta proposta artística vive da interacção com o público e com o espaço físico que acolhe a intervenção. Apostamos numa linguagem plástica forte e procuramos a nossa inspiração na sinalética e nas mensagens codificadas que revestem o nosso quotidiano. Introduzimos o cómico e o absurdo. *Orientamos e Desorientamos* as regras de organização que suportam as nossas deslocacões de um lado para o outro.

Este acto performativo será o resultado de uma acção de formação sob a orientação da Radar 360, que irá decorrer ao longo do Ciclo de Teatro do Porto. O objectivo desta formação será experimentar as ferramentas essenciais que suportam o trabalho de um intérprete de teatro de rua.

Direcção artística Julieta Rodrigues Movimento e Coreografia António Oliveira Direcção plástica Julieta Rodrigues Construção e Montagem Emanuel Santos Figurinos Julieta Rodrigues Produção RADAR 360º Associação Cultural Interpretação António Oliveira, Julieta Rodrigues e os participantes da acção de formação Agradecimentos Susana Menezes

PERSONAGENS FRAGMENTADAS RADAR 360º CAMAROTES DO 1º PISO E ESPAÇO ENVOLVENTE M/3 A PARTIR DAS 16H00

Do reportório de espectáculos criados pela Radar 360º, extraímos algumas personagens e decidimos habitar zonas específicas do Teatro São Luiz. O público é convidado a fazer uma visita panorâmica a estes fragmentos, que transportam universos multidisciplinares e marcam a identidade da companhia. Decidimos fragmentar os seguintes projectos:

O BAILE DOS CANDEEIROS (Projecto Concluído em fase de digressão e internacionalização)

Inspirados em rituais e tradições que remontam ao final dos anos 60, fomos buscar as bases para esta criação ao famoso Baile dos Cinco Candeeiros da Foz do Douro.

Direcção Artística António Oliveira Figurinos e Plasticidade Julieta Rodrigues, Pedro Estevam, Emanuel Santos Sonoplastia Fernando Rodrigues

HISTÓRIAS SUSPENSAS (Projecto Concluído em fase de digressão) Todos nós já ouvimos histórias... Todos nos já a contamos... E quem conta um conto... é um contador de histórias! O Tempo nas histórias ou pára ou passa muito rápido... Aqui suspende-se no olhar de quem assiste e partilha esta aventura!

Direcção Artística Joana Providência Cenografia A2G – Arquitectura Plasticidade e Figurinos Suzete Rebelo, Julieta Rodrigues Sonoplastia Flanco Co-produção Radar 360º – Maria Matos Teatro Municipal

26 FEV outras linguagens, outros teatros Evocação de João Paulo Seara Cardoso

Participantes Isabel Barros, André Braga, Igor Gandra Moderação João Carneiro

OFF BALANCE (*Work in progress*) Procuramos o equilíbrio no desequilíbrio! Encontramos no absurdo e no burlesco a metáfora perfeita para existir. Reinventamos um mundo ao contrário... Rompemos regras, conceitos e preconceitos, com a vontade clara de comunicar... eu existo, estou aqui, olha para mim.

Direcção Artística António Oliveira Plasticidade e Figurinos Julieta Rodrigues Sonoplastia Rodrigo Malvar

ZUMANOS (Projecto em fase de criação) Uma metamorfose, algures entre Zoo e Humanidade, o indígena civilizado... Uma fronteira ténue, provocativa e simultaneamente poética... O Zoológico: espaço de ficção que pretende recriar a realidade através dos habitats naturais das diferentes espécies que nele habitam.

Direcção Artística Julieta Rodrigues Plasticidade Julieta Rodrigues Sonoplastia António Oliveira

CEM LAMENTOS TENDA DE SAIAS SUB-PALCO M/16 16H30 / 17H30 / 18H30 DURAÇÃO 20 MIN

“Sabe que pode contar tudo o que quiser... E a verdade é que precisa de desabafar... Guardou isso tempo de mais. E para quê? O importante é verbalizar. Pôr em palavras estes bocadinhos de realidade que nos pesam na mente... E há pedaços enormes e muito sujos. Sabe a que me refiro, não sabe? Aqueles pedaços mais sujos...”

Regra número 1: se aceitar este encontro, terá de estar seguro de que ele o irá mudar para sempre. Regra número 2: quanto mais expuser de si mesmo, mais probabilidades tem de vir a ganhar o prémio final. Regra número 3: a decisão da Mestre de Cerimónias é soberana. Regra número 4: as apostas apenas podem ser realizadas no momento reservado para tal. Regra número 5: este encontro nunca existiu. Regra número 6: o importante é acreditar. Regra número 7: não há regras.

Marta Freitas

Adaptação Tenda de Saías a partir do espectáculo Cem Lamentos com texto original de Marta Freitas Encenação Ana Luena Banda sonora original Rui Lima, Sérgio Martins Desenho de luz José Nuno Lima Interpretação Olinda Favas, Rute Pimenta, Tânia Dinis, Xana Miranda

O projecto Cem Lamentos da Tenda de Saías foi financiado pelo Ministério da Cultura / DgArtes.

METO A COLHER?! PELE LARGO DO PICADEIRO M/16 DAS 16H00 ÀS 20H00

Esta instalação/performance contínua resulta da pesquisa e aprofundamento do tema da violência doméstica, ao longo dos últimos cinco anos, através de vários projectos com diferentes populações, nomeadamente vítimas e agressores. Numa estrutura em forma de cubo, vários intérpretes alternam entre si e recriam quadros domésticos, retratando as diferentes formas de violência no contexto da esfera privada. Como fundo, uma sonoridade constante e cíclica que sustenta a violência doméstica e a improvisação dos intérpretes. Diz o ditado popular que “Entre marido e mulher, ninguém mete a colher!”.

Direcção Artística António Oliveira Plasticidade e Figurinos Rui Lima Música Sérgio Martins Música-performer Samuel Coelho Violino Jorge Quintela Imagem

Participantes João Alpoim, José Luis Ferreira, Ada Pereira da Silva Moderação Rui Pina Coelho

Pegando nesta máxima tão profundamente enraizada no quotidiano dos portugueses, esta proposta transfere o espaço privado para o espaço público, desnudando-se aquilo que muitas vezes preferimos não ver, ouvir ou saber. O público opta se entra, ou não, neste espaço íntimo, para que simbolicamente possa, ou não, “meter a colher”.

Criação PELE 2008 Direcção Artística Hugo Cruz Cenografia e Figurinos PELE Interpretação musical Artur Carvalho e elementos da comunidade local Criação Musical Original Miguel Ramos Produção Joana Ventura Interpretação Eva Fernandes, João Pedro Correia, Manuel Magalhães, Maria João Mota e elementos da comunidade local

ÓPERA DOS CINCO EUROS TEATRO DE FERRO COM RADAR 360º E TEATRO DO FRIO SALA PRINCIPAL M/12 19H00 DURAÇÃO 1H00

“(…) porém foi-nos parecendo que, da mesma maneira que o diplomado sub-empregado a recibo verde deveria sentir-se socialmente solidário do trabalhador sem contrato nem salvaguarda contra a adversidade, o actor sem tecto deveria sentir-se politicamente próximo do migrante sem eira nem beira. É pois de muitos infixáveis que o sonho deste espectáculo se fez e faz. Não imaginávamos que a realidade da actual perseguição movida contra as comunidades ciganas viesse trazer tanta e tão dura água ao nosso moinho. Para combater a tentação modelo único e a formação made in Europe, os filhos de Caim, gnidados aos valores da propriedade e da raiz, terão de reconhecer em si mesmos tudo quanto foram recalando dos seus desejos inconfessados de nomadismo. Possa a Ópera de 5 Euros ser parte, ínfima mas parte, desse feliz reconhecimento.” **Regina Guimarães, Setembro 2010**

Dramaturgia, Texto e Canções Regina Guimarães Encenação e Cenografia Igor Gandra Movimento Carla Veloso Marionetas Júlio Alves, Igor Gandra Figurinos Diana Regal Desenho de luz TdF, Gil Rovisco Assistente de figurinos Elisa Pinto Fotografia de cena Susana Neves Operação de som João André Lourenço Direcção de montagem Virgínia Moreira Oficina de construção Catarina Falcão, Virginia Moreira, Vera Martins, Américo Castanheira – Tudo Faço Produção Teatro de Ferro Interpretação António Oliveira, Igor Gandra, José Pedro Ferraz, Julieta Rodrigues, Rodrigo Malvar, Rosário Costa Participação especial Carlota e Matilde Co-produção Teatro de Ferro, Radar 360, Teatro do Frio, Festival Escrita na Paisagem, Festival Internacional de Marionetas do Porto, Teatro Nacional São João Agradecimentos Catarina Lacerda

Teatro do Ferro é uma estrutura apoiada pelo Ministério da Cultura / DgArtes.

LIE ACT – THEATRE FOR THE EAR NOISE ’R’ US festa de encerramento JARDIM DE INVERNO 20H00

Um espectáculo que pretende levar-nos a uma viagem, provocar uma espécie de hipnose. Um concerto-performance de música electrónica, experimental, pop e electroacústica. O meio para fixar a performance de instrumentos musicais passará a ser agora a performance em si.

Rui Lima músico-performer Sérgio Martins músico-performer Samuel Coelho violino Jorge Quintela imagem

12 MAR dramaturgia a norte

Participantes Jorge Loureiro Figueira, Regina Guimarães, Pedro Eiras Moderação Alexandra Moreira da Silva

19 MAR renovação do presente

Participantes Carlos Costa, Carla Miranda, Ana Luena Moderação João Pedro Vaz

www.teatrosauliz.pt siga-nos no twitter e no facebook